



Miguilim

revista eletrônica do netlli
Vol. 2, Núm. 2, Maio-Ago 2013

O SUBJETIVISMO IDEALISTA E O OBJETIVISMO ABSTRATO NO CÍRCULO DE BAKHTIN



INDIVIDUALISTIC SUBJECTIVISM AND ABSTRACT OBJECTIVISM IN BAKHTIN CIRCLE

Danielle Sousa SILVA
Francisco de Freitas LEITE
NETLLI/URCA, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES
RECEBIDO EM 30/06/2013 • APROVADO EM 18/08/2013

Abstract

As we consider the linguistic studies from Bakhtin Circle as the presuppositions for our own work, this paper proposes to discuss the langue/language conceptions from the individualistic idealism and the abstract objectivism, as they are criticized in Bakhtin/Voloshinov's Marxism and the Philosophy of Language. In opposition to the way of understanding the language as a product of a single mind or as an abstract linguistic system, Bakhtin/Voloshinov presents the alternative to understand the language as a social phenomenon of verbal interaction.

Ao tomarmos como pressupostos os estudos linguísticos do Círculo de Bakhtin, propomo-nos considerar as concepções de língua/linguagem do subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato, fortemente criticadas por Bakhtin/Volochínov na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Em oposição ao modo de entender a língua como produto de uma mente isolada ou como um sistema linguístico abstrato, Bakhtin/Volochínov apresenta a alternativa de entender a língua como um fenômeno social de interação verbal.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Individualistic subjectivism. Abstract objectivism. Marxism and the Philosophy of Language.

PALAVRAS-CHAVE: Subjetivismo idealista. Objetivismo abstrato. Marxismo e Filosofia da Linguagem.

Texto integral

Introdução

Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Bakhtin/Volochínov critica as duas orientações do pensamento filosófico-linguístico dominantes no início do século XX: o subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato, as quais têm como seus principais representantes, Humboldt e Vossler (na primeira) e Ferdinand de Saussure (na segunda). Além da crítica, Bakhtin/Volochínov apresenta seu ponto de vista em relação à realidade fundamental da língua.

O subjetivismo idealista é criticado por Bakhtin/Volochínov, sobretudo, devido à visão que os estilistas clássicos têm de que a linguagem é uma representação fiel daquilo que existe na mente humana e porque essa tendência não leva em consideração a interação verbal. Os defensores do subjetivismo idealista têm a ideia de que o fator social não interfere na enunciação e de que o modo como o sujeito se expressa está relacionado com a capacidade deste de pensar.

O objetivismo abstrato, que se norteia por meio das dicotomias saussurianas, entende a língua como algo social e a aborda como um sistema psíquico e arbitrário. Com base nesse ponto de vista, o indivíduo receberia

passivamente, da sua comunidade, um sistema linguístico pronto, no qual ele não pode interferir conscientemente.

Com isso, tomaremos como ponto de partida para o nosso trabalho uma descrição teórica sumária sobre essas duas orientações e, em seguida, abordaremos a compreensão bakhtiniana da língua como um fenômeno da interação verbal.

O subjetivismo idealista

O subjetivismo idealista tem como prioridade o ato da fala e vê a essência da língua na criação individual. Essa orientação própria da estilística clássica, fortemente influenciada pelo pensamento de Wilhelm Humboldt, vê a enunciação como uma criação puramente psicológica, ocasionando, desse modo, que as leis que regem a criação linguística sejam as mesmas existentes na criação artística. O Círculo de Bakhtin se posiciona criticamente quanto a essa visão individualista presente nessa orientação.

Ao fazer essa analogia entre a criação linguística e a criação artística, tem-se o indivíduo como o senhor do discurso. Com isso há destaque somente para a psique do sujeito, rejeitando totalmente o fator social como agente influenciador na enunciação. Nessa teoria, encontramos a enunciação como resultado da expressão da consciência individual, sendo, nesse caso, como um espelho do que o falante traz na sua psique. Bakhtin/Volochínov rejeita totalmente essa visão.

Como já foi mencionado no início deste trabalho, o subjetivismo idealista, ao atestar que o ato da fala é reflexo da consciência do indivíduo, traz o pressuposto de que a arte do bem falar está diretamente relacionada com a arte do bem pensar. Subentende-se, assim, que, quando um sujeito não consegue se expressar corretamente, este, por conseguinte, também não consegue organizar de modo eficaz a sua consciência, seus pensamentos.

Desse modo, a linguagem se restringe, segundo Travaglia (1997, p. 21 apud MOURA e SILVA, 2011, p. 90): “a um ato monológico, individual, que não é afetado pelo outro nem pelas circunstâncias que constituem a situação social em que a enunciação acontece”. Isto é uma visão equivocada de linguagem como um todo, posto que fatores sociais, como também os interlocutores, são partes constituintes e influenciadores da enunciação, seja esta escrita ou falada.

O subjetivismo idealista entende a língua como um fenômeno que tem sua origem no interior do indivíduo, logo a enunciação, de acordo com essa visão, partiria do interior para o exterior do sujeito. Ainda nessa linha de pensamento, a língua é estabelecida como uma criação ininterrupta cuja evolução se dá de modo autônomo e ilimitado. Essa postura idealista defende a ideia de que o indivíduo tem pleno poder de criar e recriar expressões linguísticas e, por isso, possui esse caráter autônomo e ilimitado no que se refere à linguagem situada no ato da fala.

Em suma, o subjetivismo idealista deixa totalmente de lado o processo de interação verbal; nisso se alicerça a crítica feita por Bakhtin/Volochínov em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Ao negar os fatores sociais e interacionais presentes na enunciação, essa orientação deixa de explorar o que de fato é responsável pela comunicação, neste caso, a relação entre o eu, o outro e o meio, como elementos constituintes do discurso. Para o Círculo, o sujeito não é psicológico – como defendido pelo subjetivismo – mas sim dialógico.

O objetivismo abstrato

O que encontramos no objetivismo abstrato é o domínio da estrutura linguística sobre o sujeito. Aqui, ao contrário do subjetivismo idealista, que destaca como fonte da língua o psiquismo individual, a essência da língua encontra-se no próprio sistema linguístico. Segundo essa orientação, a língua é um sistema composto por sinais que servem como instrumento para a comunicação entre os sujeitos.

Para o objetivismo abstrato, a língua é um sistema imóvel e acabado, que dispõe para os indivíduos signos e regras sem que estes possam interferir nesse sistema. Tendo Saussure como principal representante dessa teoria, é-nos possível observar como suas dicotomias serviram de alicerce para o objetivismo abstrato, posto que Bakhtin/Volochínov faz sua crítica embasada nas falhas que encontram nessas dicotomias.

Saussure, com o objetivo de tornar a Linguística uma ciência independente, procura um objeto passível de ser estudado. Inicialmente, ao tentar definir a linguagem e os fatores constituintes desta, diz que ela não serve como objeto de estudo por ser heteróclita, multifacetada e pertencer a vários domínios. Isso se dá, porque os fatores que constituem a linguagem são de cunho social e individual – língua e fala, respectivamente – e que um não pode ser concebido sem o outro.

Tem-se então a primeira dicotomia, Língua/Fala. Saussure vê a língua como algo que vai além do individual, um sistema utilizado como meio de comunicação entre indivíduos de uma mesma comunidade linguística. Na compreensão saussuriana, é na língua que está a essência da linguagem, por esta fazer parte do produto social e por ser homogênea e estável.

A língua se impõe ao sujeito, pois é um sistema que ele não pode criar nem modificar, já que esse sistema pronto é dado ao indivíduo pela sua comunidade. Esse sistema linguístico é composto por leis imanentes que não podem sofrer influências das leis tidas como ideológicas.

Por outro lado, tem-se a fala, individual e assistemática, que é contraposta à língua, social e sistemática. Saussure considerava impraticável, no início do século XX, uma Linguística da fala, porque na fala não se pode estabelecer de quais signos o indivíduo irá se valer no momento da enunciação. Em outras palavras, a fala não servia como objeto de estudo da linguística por se constituir de elementos

assistemáticos e ilimitados. Para Saussure, o fator sistemático da linguagem estava presente na língua.

Isolado o objeto, Saussure, com base no estruturalismo que diz que a língua deve ser estudada de per si, sem levar em consideração os fenômenos extralinguísticos, resolve estudar a língua por meio de uma análise sincrônica. Sincronia e diacronia podem ser entendidas como meios de investigação linguística, sendo uma voltada para o eixo das simultaneidades e a outra para o eixo das sucessividades.

Saussure opta pela análise sincrônica, pois, segundo ele, o escopo da linguística estrutural é observar as relações internas do sistema linguístico em um determinado momento do tempo. Esse tipo de estudo nos remete a um modo de ver a língua como algo estático, enquanto na diacronia se percebe a língua em evolução.

Ainda nas dicotomias saussurianas, encontramos a distinção entre significante e significado. Saussure diz que todo signo linguístico tem essas duas faces que não podem ser separadas. O significante está relacionado com a imagem acústica, enquanto o significado refere-se ao conceito. Com essa conceituação do que é significante e significado, Saussure diz que o signo linguístico é arbitrário e convencional, já que não é necessário haver uma relação de sentido entre a imagem acústica e o conceito em determinado signo.

Em vista disso, Bakhtin/Volochínov critica esse modo de estudar a língua próprio do objetivismo abstrato, no qual é dado destaque para a forma linguística sem levar em consideração os sujeitos no momento da enunciação. Para Bakhtin/Volochínov, o sentido de uma palavra só pode ser compreendido quando considerada seu contexto real de uso; isto é, uma palavra ganha diferentes sentidos quando usada em situações distintas.

Entre outras críticas que Bakhtin/Volochínov faz ao objetivismo abstrato, está a que se refere ao caráter imutável da língua estabelecido nessa teoria. Bakhtin/Volochínov diz que a língua sofre alterações mesmo quando analisada sincronicamente, porque a língua está num eterno devir. Segundo a concepção do Círculo de Bakhtin, o sujeito, no momento da enunciação, não percebe as possíveis variações que a língua sofre, posto que a sua percepção sobre ela no momento é sincrônica, mas, ainda assim, vários processos de variação linguística ocorrem no ato da fala. É possível, então, que, antes mesmo que as mudanças linguísticas se tornem perceptíveis por toda uma comunidade linguística, ela já exista latente nos discursos do sujeito.

A visão bakhtiniana

A partir da crítica que Bakhtin/Volochínov faz a essas duas orientações, o subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato, ele esboça sua compreensão da realidade fundamental da língua. Bakhtin/Volochínov compreende a língua como

resultado de uma interação verbal, posto que a língua só produz sentido quando inserida no contexto das relações entre os sujeitos, negando, desse modo, que a essência desta esteja somente no indivíduo ou apenas na estrutura das formas linguísticas.

Bakhtin/Volochínov também abre espaço para o estudo da fala, que é um dos fatores constituintes da linguagem, o que evidencia a diferença do modo de estudar a língua, se comparado ao objetivismo abstrato. Como para Bakhtin/Volochínov é importante estudar a língua em sua natureza comunicativa, encontramos a enunciação não como algo individual e monológico, mas como um fenômeno de caráter social e dialógico.

A visão bakhtiniana, que se opõem às duas orientações citadas, dá origem uma teoria da interação verbal. Segundo Bakhtin/Volochínov, para que a enunciação aconteça é necessário tanto o conteúdo interior – que o indivíduo possui – como o conteúdo exterior, já que a exterioridade influencia esse conteúdo interior do falante no momento da enunciação.

De acordo com o pensamento do Círculo de Bakhtin,

a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012, p. 116, grifos do autor).

A palavra seria, então, o resultado da interação entre o falante e o interlocutor, sujeitos pertencentes a uma mesma comunidade linguística, situados num contexto social determinado.

Considerações finais

Com base no exposto, é-nos possível concluir que, segundo Bakhtin/Volochínov, as duas orientações do pensamento filosófico-linguístico dominantes no início do século XX – o subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato – deixaram de abordar aspectos importantes da linguagem. Ao darem ênfase ou só ao individual ou somente ao estrutural – respectivamente – negligenciaram a interação verbal, aspecto central para a compreensão da linguagem discursiva.

A linguagem não pode ser entendida sem levar em conta sua dupla face – social e individual, nem mesmo sua natureza comunicativa. Nessa perspectiva, nota-se quão valiosos foram os estudos linguísticos de Bakhtin e do Círculo,

trazendo o conceito de interação para que se compreenda a linguagem discursivamente.

Destacamos, por fim, que este é um trabalho de caráter inicial, mas que esperamos com ele, de alguma forma, contribuir para outros possíveis estudos relacionados ao Círculo de Bakhtin e sua concepção de linguagem.

Referências

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHÍNOV, V. N.). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 13. ed. Tradução de M. Lahud e Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2012.

MOURA, Adriano Carlos de Moura; SILVA, Hécia Macedo de Carvalho Diniz e. Crítica de Bakhtin/Volochínov à tradição subjetivista e objetivista da linguagem. In: ALMEIDA, Maria de Fátima (Org.). **Bakhtin/Volochínov e a Filosofia da Linguagem**: Resignificações. Recife: Bagaço, 2011, p. 85-103.

Para citar este artigo

SILVA, Danielle Sousa; LEITE, Francisco de Freitas. O subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato no Círculo de Bakhtin. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 2, n. 2, p. 38-45, ago. 2013.

Os Autores

Danielle Sousa Silva é graduanda em Letras pela Universidade Regional do Cariri-URCA e aluna-pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Estudos Linguísticos e Literários – NETLLI, na linha de pesquisa O contexto de Mikhail Bakhtin.

Francisco de Freitas Leite é doutorando em linguística pelo PROLING (UFPB), desenvolvendo uma pesquisa embasada da filosofia bakhtiniana da linguagem. É mestre em Linguística pela PROLING (UFPB – 2009), especialista em Ensino de Língua Portuguesa pela URCA (1999) e graduado em Letras por esta mesma IES (1998). Atualmente é professor Assistente G da Universidade Regional do Cariri; pesquisador-orientador no Núcleo de Pesquisa em Estudos Linguísticos e

Literários – NETLLI; pesquisador-estudante no Grupo de Pesquisas em Linguagem, Enunciação e Interação – GPLEI, com a Linha de pesquisa: Discurso e sociedade – a diversidade discursiva e enunciativa, sob orientação da profa. Dra. Maria de Fátima Almeida; é editor-adjunto da Revista Macabéa e editor-geral da Revista Miguilim. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Linguística, Língua Portuguesa e Língua Latina, atuando principalmente nos seguintes temas: linguística histórica, história da língua portuguesa, estudos bakhtinianos e poesia brasileira.